

## CORDEONA

Glaucus Saraiva

Pobre cordeona que chora  
nas mãos de tantos poetas!  
Nas minhas trovas inquietas  
tua cadência será outra.  
Se algumas vezes a potra  
desta vida me quebranta,  
meu sangue é seiva que canta  
sob a eclosão de esperanças,  
porque o chilrear das crianças  
é sol de um novo amanhã.

No tronco de tarumã  
dos anseios de minh'alma  
teu ressonar traz-me a calma  
de renovada energia.  
Celebras, na liturgia  
de uma tradição liberta,  
a querência, cancha aberta  
dos sonhos evolutivos,  
desses heróis redivivos  
que atropelam o futuro.

passando o tento dos furos  
das guampas da tradição,  
ajoujas a evolução  
aos valores do passado.  
Por isso meu canto, eivado  
de telúricas raízes  
fermenta sob os matizes  
do turbilhão em que estua  
o porvir, que continua  
o sonho dos ancestrais.

À luz de novos ideais,  
cordeona, tu cantarás  
para mostrares aos piás,  
que cabresteiam auroras,  
que em teu canto rememoras  
um patrimônio de heranças  
que vem da ponta das lanças  
à forja das oficinas  
até embretar nas turbinas  
a estrela que luz nos rios.

Teus sonoros atavios  
de nossas guapas legendas:  
desde as ingentes contendias  
pela expansão de fronteiras  
ao labor nas soalheiras,  
que lança da terra moura  
a semente redentora  
que faz a mesa do peão,

uma pletora de pão  
e uma canção à lavoura.

És o filho dos anseios  
de um povo que luta e sofre,  
que vem de bento e de Onofre  
quebrando grilhões e freios.  
E hoje, aos mesmos rodeios  
volta a mesma rebeldia  
que encontra em tua harmonia,  
sob os resposos da sorte,  
a mesma fibra ante a morte  
e a mesma fé que ainda o guia.

Cantemos, velha cordeona,  
sob o mesmo diapasão  
a seiva da tradição  
que nos fecunda o presente.  
A gesta de nossa gente  
que do cavalo ao trator,  
empunhou, com o mesmo ardor,  
a espada, a lança e o malho  
e que da guerra ao trabalho  
apoja canções de amor.

És o ninho emocional  
dos rumorejos do pago  
e ao som gaúcho e vago  
de tua voz ancestral  
renasce a História imortal  
entre carreiras, relinchos,  
sirenas, cascos e guinchos,  
dos clarins à chaminé,  
na sinfonia da fé  
- mesclada dos tons mais puros -  
que ao sopro do ideal maduro,  
transpõe coxilhas e sangas  
tangendo, na mesma canga,  
o Rio Grande pro futuro!